

## Um olhar pancrônico para o pronome você: retratos do passado ao presente que subsidiaram um estudo sociofuncional

---

A panchronic view at the pronoun you: portraits from the past to the present that supported a sociofunctional study

Una mirada pancrónica para el pronombre *você*: retratos del pasado al presente que subsidiaron un estudio socio-funcional

### Warley José Campos Rocha

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO/Brasil)

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb/Brasil)

[warley.rocha@ifro.edu.br](mailto:warley.rocha@ifro.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0002-7412-8424>

### RESUMO

O pronome *você* protagoniza muitos estudos quando se trata da descrição do Português Brasileiro. Neste artigo, objetivamos apresentar o percurso sócio-histórico do pronome *você*, evidenciando o seu processo de gramaticalização ocasionado pelas pressões de uso ao longo do tempo, dando destaque aos fatores sociais que influenciam nesse processo e verificar a maneira como esse item é registrado nas gramáticas históricas, prescritivas e descritivas. Em termos metodológicos, o texto foi desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica, cujas bases encontram-se sumariamente em um estudo sociofuncional desenvolvido em uma comunidade de fala do interior da Bahia. Por fim, concluímos que se faz importante a investigação sócio-histórica, assim como a observação de como gramáticos fazem o registro do item que um sociofuncionalista se interessa em estudar, pois podemos observar

---

\* Sobre o autor ver página 308.



tanto o processo de gramaticalização como os fenômenos de variação e mudança linguística decorrentes dele.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pronome Você; Sócio-história Gramaticalização; Gramáticas; Sociofuncionalismo.

#### **ABSTRACT**

*The pronoun você (you) are the protagonist in many studies when it comes to the description of Brazilian Portuguese. In this article, we aim to present the socio-historical path of the pronoun você, highlighting its grammaticalization process caused by the pressures of use over time, highlighting the social factors that influence this process and verifying how this item is registered in historical, prescriptive and descriptive grammars. In methodological terms, the text was developed from a bibliographical review, whose bases are briefly found in a sociofunctional study developed in a speech community in the interior Bahia state. Finally, we concluded that socio-historical investigation is important, as well as the observation of how grammarians record the item that a sociofunctionalist is interested in studying, as we can observe both the grammaticalization process and the phenomena of linguistic variation and change arising from it.*

**KEYWORDS:** Pronoun Você; Socio-history; Grammaticalization; Grammars; Sociofunctionalism.

#### **RESUMEN**

*El pronombre você es protagonista de muchos estudios cuando se trata de la descripción del Portugués Brasileño. En este artículo, objetivamos presentar el recorrido sociohistórico del pronombre você, evidenciando su proceso de gramaticalización ocasionado por las presiones de uso a lo largo del tiempo, dando énfasis a los factores sociales que influyen ese proceso y verificar la manera como ese ítem es registrado en las gramáticas históricas, prescriptivas y descriptivas. En términos metodológicos, el texto fue realizado a partir de una revisión bibliográfica, cuyas bases se encuentran sumariamente en un estudio sociofuncional desarrollado en una comunidad del habla del interior de Bahia, Brasil. Por fin, concluimos que la investigación sociohistórica es importante, así como la observación de como los gramáticos hacen el registro del ítem que un sociofuncionalista tiene interés en estudiar, pues podemos observar tanto el proceso de gramaticalización como los fenómenos de variación y cambio lingüístico que resultan de ese proceso.*

**PALABRAS CLAVE:** Pronombre Você; Sociohistoria; Gramaticalización; Gramáticas; Sociofuncionalismo.

## **1 Introdução**

O sistema pronominal do Português Brasileiro (PB) desperta o interesse em muitos pesquisadores, cujas inquietações materializam-se em trabalhos descritivos sobre os pronomes da língua. Entre uma ampla investigação pronominal, há pesquisadores alinhados à Sociolinguística

Variacionista (LOREGIAN-PENKAL, 2004; PERES, 2006), ao Funcionalismo Norte-Americano voltado ao fenômeno da Gramaticalização (SOUSA, 2008) e há, ainda, aqueles que assumem uma orientação sociofuncional (RUMEU, 2004; ROCHA, 2017; SANTOS, 2021), isto é, acionam pressupostos teórico-metodológicos das duas primeiras vertentes.

Neste artigo, a propósito, temos como principal objetivo dar destaque aos aspectos sócio-históricos e linguísticos que descrevem a forma pronominal *você* e sua variante *cê* em um estudo sociofuncionalista. É importante destacar também que este texto decorre da dissertação *Você e cê: um estudo sociofuncional em uma comunidade do Sertão da Ressaca*, orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa, na qual Rocha (2017) recorre aos dois aspectos anteriormente mencionados, com vistas a contribuir para a descrição sociofuncional do objeto de estudo de sua pesquisa.

Sobre o aspecto sócio-histórico, destacamos o recuo no tempo para resgatar as origens do item linguístico em destaque, por meio do qual é possível atestar claramente o fenômeno da gramaticalização, um tópico de interesse dos sociofuncionalistas, haja vista que se consideram elementos extralinguísticos, quer sejam culturais quer sejam sociais, que determinam o curso de uma língua e seus constituintes.

Quanto ao aspecto linguístico, no presente texto, focalizaremos o tratamento do pronome *você* e variantes em gramáticas históricas, prescritivas e descritivas, posto que, para se chegar a um refinamento na análise sociofuncional, é relevante levar em consideração o que está posto nesses compêndios e observar em que medida o comportamento linguístico do item em análise se aproxima ou se distancia do que está definido nas prescrições e descrições gramaticais.

Assim, organizamos este artigo nas seguintes seções além desta, a saber: *Uma fotografia panorâmica: do Vossa Mercê ao Cê; Fotografias em três cenários: nas gramáticas históricas, nas prescritivas e nas descritivas; as Considerações Finais; e as Referências.*

## **2 Uma fotografia panorâmica: do Vossa Mercê ao Cê**

Segundo Mattos e Silva (2006, p. 23): “[...] Na história de qualquer língua, os fatores extralinguísticos, tanto culturais como sociais, são condições que podem favorecer os processos de mudanças nas línguas [...]”. Concordamos com o ponto de vista da referida linguista, sobretudo, por percebermos, na sócio-história do nosso objeto de estudo, fatores de natureza linguística que foram determinados por questões sociais (extralinguísticas). Nessa direção, uma sugestão de Faraco (1996, p.52) é a de se “[...] abrir espaço para a exploração das intersecções entre o externo e o interno, aceitando a ideia de que a heterogeneidade social e as mudanças nas relações sociais podem determinar alterações na língua [...]”.

Verticalizando, assim, em nossa discussão, a forma de tratamento *Vossa Mercê* surge na língua quando duas outras formas de tratamento direto, *tu* e *vós*, já estavam a serviço dos falantes para se dirigir a pessoas situadas em posições sociais divergentes ou, até mesmo, iguais às delas. Cintra (1986) chama a atenção para dois planos, o da intimidade e o da igualdade ou cortesia, e esclarece que, para o tratamento íntimo, usava-se *tu* ou *vós* (singular/plural), ao passo que para o tratamento marcado pelo distanciamento ou pela cortesia, priorizava-se o uso de *vós*. Faraco (1996, p. 54) refere-se a esse modelo como “[...] o sistema latino tardio de tratamento do interlocutor [...]”.

No que diz respeito à data do advento da forma substantiva *Vossa Mercê* na língua, Peres (2006) destaca a falta de consenso entre os estudiosos. A linguista argumenta que:

De acordo com Luz (1956, p. 300; 359), a expressão aparece duas vezes nas cortes de 1331, mas é provável que já existisse antes dessa época. Segundo Cintra (1972, p. 17), até o século XIV, “notamos antes de mais nada a total[...] ausência de tratamento de tipo nominal”. No entanto, Faraco (1996, p. 60) afirma que, em textos de Fernão Lopes, sobre o período de 1357 a 1433, os aristocratas já se tratavam por *Vossa Mercê*. Por outro lado, Ali (1976, p. 93) e Nascentes (1956, p. 115) afirmam que, no século XIV, *Vossa Mercê* ainda não se havia cristalizado como expressão pronominal (PERES, 2006, p. 99) (grifos da autora).

Movidos por essa discussão acerca da carência de consenso entre a data em que surge na língua a forma de tratamento indireto *Vossa Mercê*, avaliamos como relevante destacar o cenário histórico que abriga tal implementação linguística. Dessa forma, consideramos importante retomar elementos da sociedade portuguesa, principalmente, no fim do período da Idade Média, o qual, sócio-historicamente, comporta o nascimento das formas substantivas de tratamento.

Nessa direção, valendo-se de fontes históricas, Faraco (1996) explica que, diante do aumento das práticas artesanais e comerciais, a economia da Europa ocidental começava a assumir novas características no século XII. Assim, um novo modelo econômico começava a se delinear especialmente nas cidades, propiciando o advento de uma nova classe social, a saber, a burguesia. Essa, por sua vez, passou a conviver competitivamente, no que tange ao poder econômico e político, com a nobreza daquele tempo.

Faraco (1996) esclarece que, com o passar do tempo, a visibilidade social e econômica da burguesia passou a se tornar mais expressiva e a sua competição com a nobreza e, já no século XIV, mostrava-se consideravelmente mais aparente, afinal, já era possível encontrar cargos sendo assumidos por burgueses, cargos esses que, outrora, eram assumidos tão somente pela nobreza. A expansão populacional nos centros urbanos, diante desse rearranjo político, econômico e social, é outro elemento a se destacar. E,

como sublinha Faraco (1996), tornaram-se cada vez mais visíveis os impactos na sociedade portuguesa. Tais mudanças podiam ser percebidas nos novos padrões de vestimenta, alimentação e maneira de se endereçar aos interlocutores. Por conseguinte, a língua também se tornou um dos traços característicos das mudanças sociais vivenciadas pela sociedade portuguesa.

Entre os traços linguísticos peculiares a essa revolução social vivida pelos portugueses, encontra-se a maneira de se endereçar ao rei, figura que “[...] transformou-se numa personagem social única, para quem a criação de formas diferenciadas de tratamento se apresentou como necessidade [...]” (FARACO, 1996, p. 57-58). Em meio a esse contexto sócio-histórico, nasce a forma de tratamento *Vossa Mercê*<sup>1</sup>. Nascentes (1956) delinea esse surgimento do seguinte modo:

Aos reis de Portugal falou-se a princípio por **vós**, secundado muitas vezes pelo vocativo **Senhor**. A este tratamento ajuntou-se **vossa mercê**, apelo a um predicado de monarca e linguagem que afagava a sua vaidade e amor próprio. Os súditos, dependentes sempre da mercê ou da graça do príncipe, apresentavam as suas queixas e requerimentos dando-lhe o habitual **vós**. Sabiamente pediam **por mercê** e punham frequentemente **vossa mercê** por **vós**, referindo-se, não à pessoa do soberano, e sim à graça e favor que dele dimanava (NASCENTES, 1956, p.115) (grifos do autor).

Instaurada mais uma maneira de se reportar ao rei, torna-se saliente outra questão de ordem linguística. Inicialmente, os falantes lançavam mão apenas das formas de tratamento herdadas do sistema latino, *tu* e *vós*, as quais levam a conjugação dos verbos para segunda pessoa (singular/plural); entretanto, com a propagação das formas substantivas, a concordância no sistema de tratamento da Língua Portuguesa passa a sofrer variação, ora com a segunda pessoa, ora com a terceira pessoa. No que tange a esse assunto, Faraco (1996) comenta que:

[...] O novo elemento gramatical, em razão de sua principal característica (pronome de segunda pessoa do discurso, mas estabelecendo concordância com a terceira pessoa verbal) – característica que o colocou em forte contraste com os pronomes antigos (que estabeleciam concordância com a segunda pessoa verbal), desencadeou diferentes rearranjos nos sistemas verbal e pronominal das línguas em questão, particularmente do português [...] (FARACO, 1996, p. 55).

---

<sup>1</sup> Cintra (1986) e Faraco (1996) concordam que a forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* foi, na realidade, uma importação da língua castelhana.

Adiante, na seção *Fotografias em três cenários: nas gramáticas históricas, nas prescritivas e nas descritivas*, poderemos notar que os gramáticos também, ocasionalmente, pontuam sobre esse sistema heterogêneo comentado por Faraco (1996)<sup>2</sup>.

Dado o estabelecimento da forma de tratamento *Vossa Mercê* como tratamento honorífico ao rei, não demorou muito para as classes inferiores à realeza começarem a se apropriar também da referida expressão cerimoniosa. De acordo com Nascentes (1956, p. 116), “[...] **Vossa mercê** agradava a todo mundo. A classe humilde não tardou em apoderar-se da fórmula nova para uso próprio [...]”. Cintra (1986, p. 20-21) comenta que “*Vossa Mercê*, tendo começado a aparecer como tratamento próprio para o rei nos fins do século XIV [...] e tendo chegado, por volta de 1460, a ser o tratamento mais usual para o monarca, já deixa de poder ser empregado para ele em 1490.” Diante disso, percebemos que, à medida que a forma em questão passa a ser empregada para outras pessoas que não fossem o rei, suas propriedades originais, isto é, a deferência marcada linguisticamente por ela, função maior de uma forma de tratamento, passam a ser perdidas.

Com isso, a partir do momento que a forma substantiva de tratamento passou a ser usada com frequência pelas e para outras pessoas, outras propriedades começaram, também, a perderem-se ou a transformarem-se. Assim, Nascentes (1956) pontua que, pelo fato de *Vossa Mercê* ser uma expressão consideravelmente grande e mediante o massivo uso, as pessoas começaram a abreviá-la. Fato que, no Sociofuncionalismo, dialogaria com as noções de frequência de uso e, conseqüente, erosão fonética ou perda de massa fônica. Além disso, o catedrático explica que:

O uso constante trouxe à expressão **vossa mercê** duas alterações primordiais, mais tarde seguidas de outras: a ênclise fez desaparecer o **a** do pronome e o **r** foi absolvido pelo som seguinte (cfr. **persona-pessoa**). **Vossa mercê** se transformou em **vossemecê**. De **vossemecê** se passou a **vosmecê** e desta forma por intermédio das formas hipotéticas **vosm'cê** e **voscê**, se fez **você**, que ainda se alterou para **ocê** e finalmente para **cê** (NASCENTES, 1956, p.117) (grifos do autor).

<sup>2</sup> Essa questão recebe novos tons na contemporaneidade. Mattos e Silva (2004, p. 143-144) discute que: “No Brasil, com a expansão de você e do a gente como pronomes pessoais e com a redução do uso do tu e do vós, a 3ª pessoa verbal se generaliza: temos hoje em convivência, no Brasil, um paradigma verbal de quatro posições (*eu falo; nós falamos; eles, vocês falam*); outro de três posições (*eu falo; ele, você, a gente fala; eles falam*); outro de duas posições, dos menos escolarizados, ou não-escolarizados, sobretudo de áreas rurais, mas não só, que não aplicam a regra de concordância verbo-nominal (*eu falo; ele, você, a gente, eles, vocês fala*). Em algumas áreas geodialeais brasileiras, usa-se o tu na fala corrente com o verbo na 3ª pessoa (*tu fala*) e, em reduzidas áreas, talvez a mais forte seja o litoral catarinense o sul rio-grandense, ao tu ainda se segue a flexão histórica (*tu falas*). Quanto mais reduzido o paradigma flexional número-pessoa do verbo, mais necessário se faz o preenchimento do sujeito pronominal, perdendo assim o português brasileiro o chamado parâmetro pro-drop, possível no português europeu, em que essas reduções não ocorrem tal como no português brasileiro.”

Nascentes (1956) não se limita a essas formas intermediárias entre *Vossa Mercê* e *(vo)çê*, haja vista que o autor apresenta muitas outras presentes nesse entremeio. “Apesar de algumas dessas formas ainda existirem, especialmente nos dialetos rurais do Brasil [...] e de Portugal [...], foi a forma *voçê* que se fixou na língua portuguesa, transformando-se em pronome de tratamento”, é o que pondera Peres (2006, p. 103) ao considerar a referida variedade de formas pronominais oriundas do *Vossa Mercê*.

Além disso, podemos destacar a maneira que, ocasionalmente, a forma de tratamento *Vossa Mercê* foi registrada de modo abreviado. Com relação a esse assunto, prescrevendo as abreviaturas presentes na Língua Portuguesa, Leão (1576, p.69) aponta que: “[...] As muito notórias são as que andam em uso e vão em consequência de outras, como S. por senhor e V.A. por vossa alteza, **V.M. vossa mercê**, V.P. vossa paternidade, V.R. vossa reverência [...]” (grifo nosso)<sup>3</sup>.

Além dessas mudanças em várias esferas linguísticas de uma única forma nominal de tratamento, podemos destacar a estreita relação entre língua e sociedade nesse percurso, relação cara para os estudos sociofuncionalistas. Diante da perda de expressividade de *Vossa Mercê*, a sociedade começou a fazer uso de outras formas que passaram a compor o repertório linguístico das classes sociais. Sousa (2008) ressalta que:

[...] entre os séculos XIV e XVIII, a língua portuguesa não apenas registrou diversas formas de tratamento, mas alterou e muito a sua forma de tratar o interlocutor, saindo do sistema duo de *tu/vós* e *vós* para as formas de V+ nome qualitativo (*Vossa Mercê*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência*, *Vossa Alteza*, *Vossa Majestade*) (SOUSA, 2008, p. 31) (grifos da autora).

Enquanto as formas de tratamento iam seguindo tanto vias principais quanto alternativas, a sociedade portuguesa protagonizava, concomitantemente, novos acontecimentos históricos. Dentre tais fatos, podemos destacar, no século XVI, o início da colonização brasileira. Sousa (2008, p. 32) sinaliza que “[...] nesse século, com a massiva migração dos portugueses para o Brasil, os seus hábitos linguísticos, como sabemos, também invadiram o repertório linguístico dos nossos nativos [...]”.

Nessa direção, Lopes e Duarte (2003, p.19-20) assinala que “[...] a gramaticalização de *Vossa Mercê* > *voçê* não foi um processo isolado, mas uma consequência de uma mudança encaixada lingüística e socialmente [...]”. Com isso, podemos observar a língua acompanhando a história. Em outras palavras,

<sup>3</sup> “[...] As muito notórias ão, as que andão em vfo, & vão em confequencia de outras, como S. por fenhor, & V.A. por voffa alteza. V.E. voffa excellencia. V.S. voffa fenhoria. V.M. voffa mercê. V.P. voffa paternidade. V.R. voffa reverencia [...]” (LEÃO, 1576, p. 69)

notamos, assim, a estreita relação entre língua e sociedade e/ou cultura, haja vista que, tanto em Portugal, *locus* do surgimento da expressão *Vossa Mercê* na Língua Portuguesa, quanto no Brasil, lugar onde também se observaram estágios desse processo de mudanças linguísticas, o nosso objeto passou por consideráveis transformações movidas por forças internas e externas. Sousa (2008) assinala que, na Carta de Pero Vaz de Caminha, texto do século XVI, “[...] a forma *Vossa Mercê* não mais é usada como tratamento real, sendo substituída por outra forma *Vossa + N*, nesse caso, *Vossa Alteza [...]*” (SOUSA, 2008, p. 32).

Diante das fotografias sócio-históricas registradas anteriormente, com as quais observamos claramente a relação entre a língua e a sociedade, ressaltamos a importância de destacar que, na esfera linguística, a forma nominal de tratamento *Vossa Mercê* sofreu um processo de pronominalização, ou, como preferimos ao lado de alguns autores, passou por um processo de gramaticalização. Esse processo pode, sem dúvida, ser considerado como complexo, no sentido de que podemos perceber numerosos processos linguísticos interligados, que se deram ora concomitantemente ora cada um ao seu tempo.

Menon (1995) sobreleva tal processo de transformação apontando a mudança categorial que se deu nesse ínterim em que podemos perceber tanto perdas de material fonético quanto mudanças nos valores sociais. Segundo a linguista, a forma de tratamento *Vossa Mercê* “[...] se pronominalizou [...] mudando de categoria: de *nome* (visto que uma locução nominal, segundo a gramática tradicional, equivale a um *nome*[...] exercendo as mesmas funções gramaticais) para *pronome* [...]” (MENON, 1995, p. 96-97).

Lopes e Duarte (2003) afirmam que o início do processo de pronominalização da referida forma deu-se por volta dos fins do século XVIII e que, a partir do século XIX, já era possível notar a efetiva gramaticalização prevista pela forma *você*. Para explicar o processo de gramaticalização sofrido pela forma de partida, *Vossa Mercê*, até o pronome de chegada (*V*)*ocê*, as pesquisadoras lançam mão dos princípios propostos por Hopper (1991), a saber: estratificação (“*layering*”), divergência, especialização, persistência e decategorização.

Em síntese, conforme as referidas autoras, em um dado momento, houve a convivência na língua da forma mais conservadora, *Vossa Mercê*, com a mais inovadora, *você*, em um mesmo domínio funcional (estratificação). Em outro recorte temporal, já foi possível perceber divergência funcional das formas na língua. Dessa forma, enquanto a forma *mercê* conservou a sua integridade tanto fonológica quanto semântica, seguindo uma direção, a forma gramaticalizada *você* tornou-se um exemplo de erosão, em função da perda de material fonológico, e passou a estar a serviço de outro domínio funcional, tomando outra direção (divergência).

Nessa perspectiva, Lopes e Duarte (2003) ressaltam o fato de que, em um dado momento, a forma gramaticalizada *você* passou a ocorrer em



contextos linguísticos específicos, especializando-se em uma dada função (especialização). Entretanto, a despeito do processo de especialização, não se pode deixar de destacar que há traços da forma original que permanecem na forma gramaticalizada (persistência). E, finalmente, as estudiosas dão destaque à mudança categorial (decategorização), a qual foi explicitada anteriormente nas palavras de Menon (1995).

Munidos, portanto, desse breve esboço a partir de questões sócio-históricas, concluímos essa subseção, para, na sequência, registrarmos nosso objeto tanto no cenário das gramáticas quanto no campo dos estudos linguísticos.

### 3 Fotografias em três cenários: nas gramáticas históricas, nas prescritivas e nas descritivas

Na presente seção, focalizamos nosso objeto de estudo no cenário das gramáticas, apresentando, nos próximos três quadros que foram extraídos do trabalho de Rocha (2017), excertos de gramáticas que foram selecionados, considerando desde as gramáticas históricas, passando pelas prescritivas e arrematando a exposição e discussão com as descritivas. Ressaltamos que, ao longo dos referidos quadros, sublinhamos alguns fragmentos, os quais são comentados na sequência. Vejamos, no Quadro 1, fragmentos extraídos de gramáticas históricas:

#### Quadro 1. Nosso objeto de estudo nas lentes das gramáticas históricas

##### ESPECIFICAÇÕES PRONOMINAIS ENCONTRADAS NAS GRAMÁTICAS HISTÓRICAS CONSULTADAS

###### Gramática Histórica da Língua Portuguesa – Manoel Said Ali (1964, p. 93)

446. Do latim vieram os pronomes *tu* e *vós* como tratamento direto da pessoa ou pessoas a que se dirigia a palavra. Tornando-se *tu* insuficiente para expressar o sentimento de humildade e respeito, recorreu-se ao tratamento indireto. Por um dos expedientes, o mais antigo em linguagem portuguesa, o atrevimento de vir perante um indivíduo de hierarquia superior, e olhar para ele face a face, se disfarçou fingindo repartida a vista pelo seu cortejo ou nimbo, real ou imaginário. Desta atenção, com que se magnificava e lisonjeava a pessoa única, se originou o costume de empregar o plural de *vós*, em vez do pronome singular, como simples prova de respeito e polidez, depois de apagada da memória a imagem da situação primitiva.

447. Outro modo de tratamento indireto consistiu em fingir que se dirigia a palavra a um atributo ou qualidade eminente da pessoa de categoria superior, e não a ela própria. Assim, aproximavam-se os vassallos de seu rei com o tratamento de *vossa mercê*, *vossa senhoria*, substituído depois por *vossa alteza* e finalmente por *vossa majestade*; assim usou-se o tratamento ducal de *vossa excelência* e adotaram na hierarquia eclesiástica *vossa reverência*, *vossa paternidade*, *vossa eminência*, *vossa santidade*.

448. Generalizando-se, de fins do século XVI em diante, o costume de dar “majestade” aos reis, reservou-se “alteza” para os príncipes, e deram-se os demais tratamentos não-eclesiásticos aos nobres, aos que ocupavam certos cargos públicos, e finalmente às pessoas de notória posição social. É de notar todavia que diversas ordens régias proibiram aos

governadores do Brasil aceitarem o tratamento de *excelência*. Na monarquia brasileira uma das graças era o tratamento de *excelência*; os barões sem grandeza não o tinham.

449. Do uso e abuso da formula *vossa mercê* nasceu em boca do povo a variante *você*, a qual não só perdeu todo o antigo brilho, mas acabou por aplicar-se a indivíduos de condição igual, ou inferior, à da pessoa que fala; e dirigindo-nos a mais de um indivíduo, servimo-nos hoje de *voçês* como plural semântico de *tu*. Outra forma alterada de *vossa mercê* é *vossançê*: *Guarde Deus a Vossançê* (Francisco Manuel de Melo, *Fid. Apr.* 9).

**Gramática Histórica – Ismael de Lima Coutinho (1974, p. 255)**

O pronome da 2ª pessoa *você* era antigamente o tratamento de respeito *vossa mercê*. A evolução deve ter sido a seguinte: *vossa mercê* > *vossemecê* > *vosmecê* > *você*.

**Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa – Dr. José Joaquim Nunes (1975, p. 32-33)**

13. *O acento tônico; sua persistência em português*. – Havia em toda palavra latina, formulada por duas ou mais sílabas, uma que era proferida com elevação de voz maior do que a restante ou restantes, na qual, por consequência, se feria uma nota mais alta ou aguda; era a *tônica*, em relação à qual as demais tinham o nome de *átonas*, e o acento era chamado de *altura* ou *tom*, para se distinguir do de *intensidade* ou acento propriamente dito, que era um esforço maior empregado na emissão da sílaba inicial de cada palavra, o qual, tendo existido, segundo aparece, no latim pré-literário, veio a cair no princípio do período literário, subsistindo apenas o primeiro, que impediu que a vogal sobre a qual incidia fosse arrastada pela corrente de transformações que alteraram as outras, a ponto tal que, por vezes, as fizeram desaparecer. É o que mostram as palavras *chama*, *fresta*, *paç*, *vide*, *dona*, *olho*, *ombro*, *senda*, etc., as quais continuam a ser acentuadas nas mesmas sílabas que as latinas correspondentes *flamma*-, *fenestra*-, *pace*-, *vite*-, *domina*-, *oculo*-, *umeru*-, *semita* etc. A força conservadora do acento revela-se tanto melhor quanto mais gasta a palavra está pelo uso constante que dela se tem feito, como sucede com o moderno *você*, actual representante da antiga formula de tratamento *vossa mercê*, que, por seu lado, é a frase latina *vostramercede*-, na qual as vogais tônicas eram, como ainda hoje, *o* e *e*.

**Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa – Dr. José Joaquim Nunes (1975, p. 244-245)**

Os pronomes correspondentes à primeira e segunda pessoas do plural provêm dos clássicos *nostru(m)* e *vostru(m)*, o segundo dos quais, pertence à língua arcaica, continuou a ser usado pelo povo, que pôs de parte o clássico *vestru(m)*, decerto levado pela analogia que aquele tinha com *nostru(m)*, mas, antes das actuais formas, que ascendem já aos primeiros monumentos escritos e não são exclusivas da nossa língua, porque, além do galego, também possuiu idênticas, a par de *nueso* e *vueso*, o antigo, castelhano, *\*nostru* e *vostru*; prova-o a locução *nostru senhor*, quando referida à divindade, muito frequente no antigo português, na qual a primeira parece ter-se como fossilizado, provavelmente sob influência eclesiástica. Também na forma feminina do pronome *vosso*, influiu a próclise de tal maneira, que fez que ela perdesse a sílaba final na expressão *você*, que ocorre a par de *vossemecê*, e está, como é sabido, por *vossa mercê*; contribuiu decerto para tamanha redução no pronome e no substantivo o seu uso constante no tratamento: cf. também o espanhol *usted* que corresponde à formula portuguesa, e o galego *misia* que está por *miasenboria*. Todos estes pronomes fazem o seu plural como já o faziam em latim, consoante a regra dos nomes acabados em vogal.

Fonte: Rocha (2017, p. 37-39).

No Quadro 1, podemos verificar o interesse dos gramáticos em evidenciar a origem do nosso objeto, cujo consenso aponta para uma história

de transformações linguísticas a partir da locução nominal *Vossa Mercê*. Said Ali (1964), nesse sentido, apresenta o cenário em que surge o uso da referida forma de tratamento indireto, sinalizando que *voçê* é um produto do uso e abuso da forma original *Vossa Mercê*. Ademais, o referido gramático opta por tratar de *voçês* como plural semântico de *tu*. Em relação a isso, Monteiro (2002) argumenta que:

Nossas gramáticas associam à noção de número a categoria de pessoa e ensinam, entre outras coisas, que **nós** é plural de **eu**. Ora, na realidade, a ideia de plural, tal como é concebida para os nomes, em relação aos pronomes só existe para os da chamada terceira pessoa. Lyons (1979) observa que a categoria de plural não se aplica simetricamente de modo igual à primeira e a terceira pessoa: **nós** não significa vários falantes no mesmo sentido que **eles** equivale a mais de um ser considerado fora do eixo interlocutório. É, pois, absurdo dizer que **eu** e **tu** possuem plurais, mesmo expressos por heteronímia. O raciocínio é simples: não pode haver a ideia de plural de **eu** mais **eu** nem **tu** mais **tu**, sem troca de pessoa. Uma forma como **nós** é realmente plural, mas nesse aspecto não se correlaciona com **eu**, nem morfológica nem semanticamente. E, com isso, a categoria de plural nos pronomes pessoais é bastante diferente da que existe nos nomes (MONTEIRO, 2002, p. 94).

Além de Said Ali (1964), mais adiante, observaremos que Bechara (2009), um gramático prescritivista, também assume esse ponto de vista ao considerar “*voçês* como o plural de *tu*”.

No Quadro 1, notamos, também, que Coutinho (1974) restringe-se a demonstrar uma possível forma de se perceber os estágios de mudança morfológica desde a forma *Vossa Mercê* até *voçê*. Nunes (1975), por sua vez, preocupa-se em esclarecer questões de ordem fonético-fonológicas, nas quais as formas antecessoras do nosso objeto podem ser tomadas como exemplos. Além disso, o gramático traça comparações com dados de outras línguas que partilham a origem latina.

Dando continuidade à exposição das considerações dos gramáticos, vejamos, no Quadro 2, excertos de gramáticas prescritivas:

**Quadro 2.** Nosso objeto de estudo nas lentes das gramáticas prescritivas

**ESPECIFICAÇÕES PRONOMINAIS ENCONTRADAS NAS GRAMÁTICAS PRESCRITIVAS CONSULTADAS**

Nova Gramática do Português Contemporâneo – Celso Cunha e Lindley Cintra (1985, p. 284)

**Tu e voçê.** No português europeu normal, o pronome *tu* é empregado como forma própria da intimidade. Usa-se de pais para filhos, de avós ou tios para netos e sobrinhos, entre irmãos ou amigos, entre marido e mulher, entre colegas de faixa etária igual ou próxima. O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou

da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa.

No português do Brasil, o uso do *tu* restringe-se ao extremo sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior.

É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente – e em certas camadas sociais altas – aparece usado como forma carinhosa de intimidade. No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia.

**Gramática Normativa da Língua Portuguesa – Carlos Henrique da Rocha Lima (1998, p. 112)**

Há alguns pronomes de segunda pessoa que requerem para o verbo as terminações da terceira. Tais são: *você, vocês* (tratamento familiar) [...].

**Gramática Metódica da Língua Portuguesa – Napoleão Mendes de Almeida (2005, p. 128)**

Na linguagem familiar, o diminutivo se aplica até aos verbos e aos advérbios: *dormindinho, cedinho* (muito cedo), *longinha* (bastante longe), *pertinho* (bem perto), *agorinha* (neste momento).

Tais formas devem ser evitadas, havendo algumas, como *elinho* e *vocêzinho* (diminutivos de *ele* e *você*), que são até ridículas, pois os pronomes jamais podem sofrer flexão gradual.

**Moderna Gramática Portuguesa – Evanildo Bechara (2009, p. 162)**

A definição da segunda pessoa como sendo a pessoa a qual a primeira se dirige convém sem dúvida ao seu emprego mais ordinário. Ordinário, porém, não quer dizer único e constante. Pode utilizar a segunda pessoa fora da alocação e fazê-la entrar numa variedade de “impessoal”. Por exemplo, *vous* funciona em francês como anafórico de “on” (ex: *on ne peut se promener sans que quelqu’un vous aborde*, port. “não se pode passear sem que alguém aborde *você*”) [EBv.1, 254]. Este fato, como a tradução revela, ocorre também em português, tanto na língua escrita como na falada. É um *você* ou *tu* que se referem ao próprio falante, mesmo que o ouvinte esteja presente:

“Daniel, a situação comigo está difícil. Chega um momento em que *você* (=“eu”, “a gente”, impessoalizador) não sabe o que fazer”. “*Você* já vinha conhecendo que o tempo passava danadamente rápido por causa de uns indícios sutis. Por exemplo: quando um desconhecido fala a seu respeito não diz mais “aquela moça”, e sim “aquela senhora” [...] Sem falar nos que morreram, porque morrem muitos à medida que *a gente* fica mais velha” [RQ.1, 108].

Não levando em conta o jogo psicológico envolvido na situação, o giro tem sido injustamente condenado por alguns gramáticos que não atentam para o respaldo da língua escrita nem o testemunho de outras línguas. No português, nesta aplicação se usa de *você* ou *tu* (ou expressões substantivas como *a pessoa, o indivíduo, o cristão, etc.*).

**Moderna Gramática Portuguesa – Evanildo Bechara (2009, p. 165-166)**

FORMAS DE TRATAMENTO – Existem ainda formas substantivas de tratamento indireto de 2ª pessoa que levam o verbo para a 3ª pessoa. São as chamadas *formas substantivas de tratamento ou formas pronominais de tratamento*:

*você, vocês* (no tratamento familiar)

[...]

*Vossa Mercê* (V.M.ª, para as pessoas de tratamento cerimonioso)

[...]  
*Você*, hoje usado familiarmente, é a redução da forma de reverência *Vossa Mercê*. Caindo o pronome *vós* em desuso, só usado nas orações e estilo solene, emprega-se *vocês* como o plural de *tu*.

[...]

Fonte: Rocha (2017, p. 40-41).

Com relação às prescrições apresentadas no Quadro 2, destacamos uma questão que nos pareceu bastante notável. Na gramática de Cunha e Cintra (1985), a despeito de ser classificada comumente como uma Gramática Normativa (ou Prescritiva), podemos observar que os gramáticos apresentam, na realidade, uma verdadeira descrição do uso dos pronomes *tu* e *você* no Português Europeu e Brasileiro, ao invés de tão somente prescrever normas ou regras a serem seguidas pelos falantes.

Rocha Lima (1998) limita-se a salientar a possibilidade de uma forma de segunda pessoa relacionar-se sintaticamente com um verbo conjugado na terceira pessoa, dando, como exemplo, para tanto, as formas pronominais *você* e *vocês*. Na esteira dos gramáticos normativistas, Almeida (2005) prescreve que “os pronomes jamais podem sofrer flexão gradual” e que se deve evitar formas como *elinho* e *vocezinho*. Todavia, podemos encontrar em redes sociais, nas quais nos deparamos com extratos da língua em uso, postagens em que os usuários da língua, apesar da prescrição, lançam mão das duas formas, ora ridicularizadas pelo gramático. Vejamos, a seguir, dois enunciados localizados em uma rede social<sup>4</sup>:

- (01) Quem é que manda nisso tudo? Sim, isso mesmo: *vocêzinho!* Chega de desculpas, queremos ver resultados! Bom dia :) (A.P.P.)<sup>5</sup>
- (02) Mais uma vitima. Anjos raros estao ajudando *elezinho!!!* Por favor quem pode contribuir??? Cavalo eh super trabalhoso, e as despesas vcs sabem!! Por favor AJUDEM E divulguem! (C.B.S.)<sup>6</sup>

Adiante, Bechara (2009), ainda que dentro da classe dos gramáticos prescritivistas, tratando-se do pronome *você*, descreve o desvio de sentido que comumente é produzido pelos falantes ao fazerem uso dessa forma pronominal. O gramático sobreleva a possibilidade do uso do pronome de

<sup>4</sup> Em relação às postagens utilizadas para ilustrar os fenômenos linguísticos apontados, ressaltamos que o *facebook* estabelece classificações de privacidade para as postagens, isto é, os usuários ou administradores de páginas têm a possibilidade de tornar o material postado como de domínio público, somente para conhecidos e/ou amigos ou bloquear para qualquer pessoa. Salientamos, assim, que as postagens que foram extraídas do ciberespaço para a demonstração correspondem, unicamente, às que tanto os usuários quanto os administradores das páginas veicularam como de domínio público, ou seja, o material foi publicado para que todos que se encontram cadastrados na rede social e, até mesmo fora dela, tenham acesso.

<sup>5</sup> Postagem veiculada em 23/06/2014, no *facebook*.

<sup>6</sup> Postagem veiculada em 26/05/2016, no *facebook*.

segunda pessoa com vistas a generalizar o assunto abordado ou, até mesmo, conforme o contexto, o uso que o falante faz desse pronome para se referir a si mesmo. Além disso, Bechara (2009) discute questões características à forma pronominal de tratamento em questão, salientando a origem marcada na locução nominal *Vossa Mercê*.

Feitas as considerações concernentes às gramáticas prescritivas, confirmamos, no Quadro 3, fragmentos de gramáticas descritivas:

**Quadro 3** - Nosso objeto de estudo nas lentes das gramáticas descritivas

ESPECIFICAÇÕES PRONOMINAIS ENCONTRADAS NAS GRAMÁTICAS DESCRITIVAS CONSULTADAS
<p><b>Gramática da Língua Portuguesa – Mário Vilela e Ingedore Villaça Koch (2001, p.215-214)</b></p> <p>Nas formas de tratamento, em português, usa-se o pronome pessoal: <i>tu</i>, oposto a <i>você</i> (equivalente a <i>tu</i> em algumas zonas geográficas, ou situando-se num nível de distanciamento em relação ao interlocutor que fica entre <i>tu</i> e <i>senhor</i>), <i>o senhor</i>, <i>vocemecê</i>. <i>Vossa excelência</i>, <i>vossa senhoria</i>, etc. Você(s) exige a terceira pessoa do singular/plural.</p> <p>[...]</p> <p><i>No Brasil, a forma de tratamento mais comum é você, embora em algumas regiões predomine o tu (sul, nordeste)</i></p> <p>[...]</p> <p><i>As formas você e vocês levam tanto o verbo como os pronomes que os acompanham para a 3ª pessoa.</i></p>
<p><b>Gramática Houaiss da Língua Portuguesa – José Carlos Azeredo (2008, p. 175)</b></p> <p>As formas <i>eu/nós</i> e <i>você/vocês/tu/vós</i> referem-se aos seres como atores da interlocução; por isso, <u>só podem referir-se a seres humanos ou – como acontece nas fábulas – a seres personificados.</u> <i>Ele/ela/eles/elas</i> designam tanto seres animados como seres inanimados.</p> <p>A classe dos <u>pronomes pessoais</u> é a única que apresenta formas distintas para três grupos de funções: (a) os <u>retos</u>, para as funções de sujeito e predicativo: <i>eu/tu/você/ele/ela/nós/vós/vocês/eles/elas</i>, (b) os <u>obliquos átonos</u>, para as funções adverbiais de objeto e adjunto (<i>me/nos, te/vos, o/os, a/as, lhe/lhes, se</i>), e (c) os <u>obliquos tônicos</u>, para as funções de complemento e adjunto necessariamente precedidos de preposição (<i>mim/comigo, nós/conosco, ti/contigo, ele/ela/eles/elas, vós/conosco, si/consigo</i>).</p>
<p><b>Gramática do Português Brasileiro – Mario Alberto Perini (2010, p. 116)</b></p> <p><i>Você tem a forma oblíqua <u>te</u>, mas esta é usada em concorrência com a forma reta</i>, de maneira que se pode dizer <i>eu te amo</i> ou <i>eu amo você</i>, indiferentemente.</p>
<p><b>Gramática de Usos do Português – Maria Helena de Moura Neves (2011, p. 458)</b></p> <p><u>As formas <b>VOCÊ</b> e <b>VOCÊS</b> se referem à 2ª pessoa, mas levam o verbo para a 3ª pessoa</u>, do mesmo modo como ocorre com os <u>pronomes de tratamento</u>, como <b>VOSSA SENHORIA</b>, <b>VOSSA EXCELÊNCIA</b>, <b>O(A) SENHOR(A)</b>.</p> <p>[...]</p> <p><u>O emprego de <b>VOCÊ</b> é muito mais difundido do que o emprego de <b>TU</b>, para referência ao interlocutor</u>. Além disso, ocorre frequentemente (embora mais especialmente na língua falada), que se usem formas de segunda pessoa em enunciados em que se emprega o tratamento <b>VOCÊ</b>, de tal modo que se <u>misturam formas de referência pessoal de segunda</u></p>

<p>e de terceira pessoa.</p> <p>[...]</p> <p><b>Gramática de Usos do Português – Maria Helena de Moura Neves (2011, p. 463)</b></p> <p>O pronome <b>VOCÊ</b>, embora seja forma de pessoa envolvida no discurso (<b>segunda pessoa</b>), pode <u>indicar referência genérica. A indeterminação, nesse caso, é muito forte (VOCÊ = uma pessoa, seja qual for) [...]</u></p>
<p><b>Nova Gramática do Português Brasileiro – Ataliba T. de Castilho (2014, p. 477)</b></p> <p>[...] as formas contraídas <u><i>ê</i> e <i>ei</i> não funcionam como complemento</u>, a não ser que preposicionadas, fato já apontado por Vitral/Ramos (1999) e Reich (2004). Assim, não ocorrem <i>*ele procura ê</i>, <i>*isto é pra ê</i>, requerendo-se para isso a forma <i>ocê</i>: <i>ele precisa docê</i>, <i>ele vai cocê</i>, isto é <i>procê</i> (= <i>de, com, para</i> + <i>ocê</i>).</p> <p><b>Nova Gramática do Português Brasileiro – Ataliba T. de Castilho (2014, p. 478)</b></p> <p><u>Com respeito ao par <i>tu/você</i>, Neves (2008b) faz uma revelação impressionante: examinando o corpus do Projeto Nurç ela encontrou 0,25% ocorrências de <i>tu</i>, concentradas em falantes de Porto Alegre, contra 99,75% ocorrências de <i>você</i>. Ou seja, a fala culta de brasileiros que viviam entre 1970 e 1978 em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre) tinha praticamente enterrado a forma <i>tu</i>. E como <i>você</i> leva o verbo para a terceira pessoa, imagine o terremoto que está ocorrendo na morfologia verbal e em outras regras de concordância!</u></p> <p><b>Nova Gramática do Português Brasileiro – Ataliba T. de Castilho (2014, p. 479)</b></p> <p>Na segunda pessoa do singular, <i>tu</i> tem sido substituído por <i>você</i>, forma que surgiu por alterações fonológicas da expressão de tratamento <i>Vossa Mercê</i>, um sintagma nominal que deu origem a <i>você</i>, seguindo então para <i>ocê</i>&gt;<i>ê</i>. <u>A gramaticalização desse sintagma nominal se produziu simultaneamente nos seguintes campos: (1) alterações fonológicas bilineares (=fonologização) de <i>Vossa Mercê</i>: numa linha, tivemos as derivações <i>Vossa Mercê</i>&gt;<i>vosmecê</i>&gt;<i>você</i>&gt;<i>ocê</i>&gt;<i>ê</i>; em outra linha, tivemos <i>Vossa Mercê</i>&gt;<i>vosmicê</i>&gt;<i>vassuncê</i>; (2) alterações sintáticas: um sintagma nominal é reanalisado como pronome pessoal; (3) alterações pragmáticas: <i>Vossa Mercê</i> era um tratamento dispensado aos reis. Com o desenvolvimento da burguesia, os novos-ricos quiseram esse tratamento para eles também. Indignado, o rei passou a reclamar <i>Vossa Majestade</i> para ele, lembrando decerto aos burgueses que uma força tinha sido convenientemente erigida de frente ao paço, caso eles resolvessem repetir a gracinha. De todo modo, <i>Vossa Mercê</i> e derivados eram um tratamento cerimonioso, dados “pelos de baixo” “aos de cima”. Veja como é a roda da fortuna: pois não é que o derivado <i>você</i> passou a ser no PB um tratamento de igual para igual? Para o tratamento cerimonioso, inventou-se o <i>senhor</i>. Em regiões brasileiras em que o tratamento <i>tu</i> continua vigente, o uso de <i>você</i> traz de volta o antigo distanciamento. E onde o <i>tu</i> bateu com as botas, ele e seus derivados ressuscitam, quando se quer afetar distanciamento [...]</u></p>
<p><b>Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Palavras de Classes Fechadas (Pronomes) – Maria Helena de Moura Neves (2015, p.27)</b></p> <p>[...] <u>Originado de uma fórmula de reverência destinada ao rei e aos nobres (<i>Vossa Mercê</i>), o pronome <i>você</i> tem sido denominado tradicionalmente “pronome de tratamento”. De fato, ele é usado principalmente em função de vocativo (como convém a um pronome de segunda pessoa) e comuta como o <i>senhor</i>, <i>Vossa Senhoria</i> e outras expressões de tratamento. No Brasil [...] esse pronome suplantou a forma tradicional e etimológica <i>tu</i>, e sua avidez por ocupar novos espaços e novas funções não para por aí, porque <i>você</i> assume com frequência uma interpretação indeterminada [...]</u></p>

**Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Palavras de Classes Fechadas (Pronomes) – Maria Helena de Moura Neves (2015, p.27)**

O exame de *nós* como referência indeterminada indica a possibilidade de pronomes em princípio determinados (por exemplo, porque se referem aos interlocutores) receberem uma interpretação “figurada”, por um processo que se pode considerar uma metáfora de pessoa: pronomes de uma determinada pessoa recebem interpretação mais abrangente ou imprecisa. Notável, nesse particular, é o emprego de *você*, exatamente um pronome referente ao alocutário, como recurso para uma forte indeterminação do sujeito.<sup>7</sup>

Fonte: Rocha (2017, p. 42-44).

No Quadro 3, notamos que Vilela e Koch (2001) apontam que a forma de tratamento *você* figura opostamente à forma *tu*, destacam a possibilidade de se marcar distanciamento a partir do uso das referidas formas, além de comentarem sobre o fato de os verbos que acompanham *você(s)* serem convencionalmente conjugados na terceira pessoa do singular.

Azeredo (2008), apresentando a categoria dos pronomes pessoais, inclui o pronome *você* na ala dos pronomes pessoais do caso reto. Ademais, apesar de se tratar de uma gramática considerada descritiva, o gramático prescreve que as formas *você(s)* só podem fazer referência a seres humanos, com exceção dos seres personificados das fábulas. Lehmann (2002, p.35), no entanto, destaca que, no Rio de Janeiro, até mesmo os cães são chamados por *você*<sup>8</sup>. Uso que, a nosso ver, é recorrente em todo território brasileiro.

Perini (2010), por sua vez, restringe-se a tratar da forma oblíqua que corresponde ao uso do pronome *você*, a qual, entretanto, é considerada, por outros gramáticos, a forma oblíqua do pronome *tu*. Adiante, Neves (2011) trata da peculiaridade de algumas formas de segunda pessoa relacionar-se com verbos conjugados na terceira pessoa. Além disso, a gramática acentua que a forma pronominal *você* é mais usada em relação à forma *tu*, e que, por vezes, os usuários da língua mesclam o uso de ambas, de modo a perceberem-se na fala, sobretudo, marcas sintáticas da segunda e terceira pessoas. Outra questão levantada por Neves (2011) é o fato de *você* ser um produtivo mecanismo de indeterminação, isto é, em casos que o falante generaliza, como Bechara (2009) também ressaltou.

Na sequência, Castilho (2014) traz à baila as formas variantes *cé* e *ei*, comentando sobre as características sintáticas dessas formas. Diante dessa consideração do referido gramático, cabe ampliarmos essa discussão, recorrendo a Vitral (1996, p. 122), o qual afirma que “no estado de Goiás, ocorre o seguinte fenômeno: (i) é ([e]) besta (sô!). “*você* é besta” Em (i) o verbo *ser*, flexionado, é realizado pela vogal fechada [e] [...]” (grifos do autor).

<sup>7</sup> Vale ressaltar que Neves (2015), ao tratar da referenciação genérica por meio do pronome *você*, apresenta vários exemplos de diferentes *copora*, porém optamos por não trazer os seus exemplos e nos determos apenas ao destaque que a gramática dá ao fenômeno semântico-pragmático sofrido pelo pronome *você*.

<sup>8</sup> “In Rio de Janeiro, even dogs are addressed by *você*.” (LEHMANN, 2002, p. 35)



Castilho (2014) não encerra a sua participação sobre o pronome *voce* apenas com essa consideração, o gramático avança ao avaliar os expressivos dados apresentados por Neves (2008) sobre o “duelo” das formas *voce* e *tu* na Língua Portuguesa e finaliza suas discussões sobre a segunda pessoa do singular, abordando o processo de gramaticalização sofrido pelo sintagma nominal *Vossa Mercê*, em que podemos notar, segundo Castilho (2014), elementos de mudança de ordem fonológica, sintática e pragmática.

Por fim, fechando o grupo dos gramáticos descritivos, voltamos a destacar Neves (2015), que, posteriormente, publica um capítulo voltado aos pronomes. Nessa obra, a gramática, sobre nosso objeto, aponta a história do item, comentando a sua relação com o pronome *tu* e, como afirmarmos anteriormente, colocando em destaque a possibilidade de se indeterminar o sujeito por meio do pronome *voce*.

Finalizadas nossa incursão no campo das gramáticas, passemos, então, às últimas ponderações possíveis para a discussão ora levantada neste texto.

#### 4 Considerações finais

Ao considerarmos o escopo de investigação dos estudos sociofuncionalistas, em que se aliam questões de interesse da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-Americano voltado ao estudo da Gramaticalização, observamos o quanto é importante historiar a trajetória de um item linguístico, buscando, inclusive, encontrar motivações que explicam o princípio da iconicidade, por exemplo, bem como registrar a relevância do fator social nos episódios de variação e mudança linguística.

Neste artigo, portanto, buscamos demonstrar por meio de incursões sócio-históricas, bem como no campo das gramáticas, a trajetória linguística percorrida pelo pronome *voce* e suas variantes que decorrem dele. Destacamos o processo de gramaticalização sofrido pela locução nominal *Vossa Mercê* quando assume outro *status* categorial, neste caso, o de pronome. Além disso, demonstramos ao longo da história a clara influência do uso, ou seja, a evidente força social no percurso de mudanças do referido item. Além disso, na seção destinada às considerações dos gramáticos, pudemos observar que a despeito do uso prescrito na Tradição Gramatical, a língua, em efetivo uso, revela outras direções, o que causa tanto deslizamentos de sentidos quanto variações que, nem sempre, estão previstas nos compêndios gramaticais.

Por fim, salientamos a importância de dados sócio-históricos, assim como a observação daquilo que está posto nas gramáticas de diferentes naturezas, quando se trata da investigação de um determinado objeto linguístico à luz do Sociofuncionalismo.

**REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua da Português**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 3ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2014.
- CINTRA, Luís F. Lindley. **Sobre Formas de Tratamento na língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português; uma abordagem histórica. In: **Fragmenta**, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 13, p. 51-82, 1996.
- LEAO, Duarte Nunes de. **Orthographia da lingoa portuguesa** : obra útil & necessaria assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem ; Item hum tractado dos pontos das clausulas. pelo licenciado Duarte Nunez do Lião. - Em Lisboa : per Ião de Barreira, 1576.
- LEHMANN, Christian. **Thoughts on grammaticalization**. Arbeitspapiere des Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt, 2002.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; DUARTE, Maria Eugenia Lamoglia. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominiais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Sílvia Figueiredo e MOTA, Maria Antonia. (org). **Análise constrativa de variedades do português**: primeiros estudos. 1. ed. Rio de Janeiro, 2003.
- LOREGIAN-PENKAL, Loremi. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul**. Curitiba: Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, 2004.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.
- MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, v. 44, 1995.

- MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia Portuguesa**. 4. ed. revista e ampliada. Campinas: Pontes, 2002.
- NASCENTES, Antenor. O tratamento de “você” no Brasil. In: **Letras**. Curitiba/PR: Ed. UFPR, v.6, n.05, p. 114-122, 1956.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos de português**. 2. ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Os Pronomes. In.: ILARI, Rodolfo (org). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**: palavras de classe fechada. Volume IV. São Paulo: Contexto, 2015.
- NUNES, Dr. José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**: fonética e morfologia. 8. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1975.
- PERES, Edenize Ponzó. **O Uso de Você, Oê e Cê em Belo Horizonte**: Um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. 2006. Tese de Doutorado em Letras: Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.
- PERINI, Mário Alberto. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editorial Parábola, 2010.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. Gramática normativa da língua portuguesa: 36 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- ROCHA, Warley José Campos Rocha. **Você e cê: um estudo sociofuncional em uma comunidade do Sertão da Ressaca**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2017.
- SAID ALI, Manoel. **Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.
- SANTOS, Rosane Bispo dos. **Usos de você e cê na fala popular soteropolitana: uma análise Sociofuncionalista**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGET, Campus I. 2021.
- SOUSA, Valéria Viana. **Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você**. 2008. Tese (Doutorado) - UFPB, João Pessoa, 2008.
- VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Livraria Almeida, 2001.
- VITRAL, Lorenzo. A forma CÊ e a noção de gramaticalização. **Revista de Estudos da Linguagem**, ano 5, n. 4, v. 1, UFMG, p. 116-124, 1996.

*Recebido em 1 de maio de 2021*  
*Aceito em 18 de agosto de 2021.*  
*Publicado em 30 de dezembro de 2021.*

## **SOBRE O AUTOR**

**Warley José Campos Rocha** é doutorando (2020) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e Mestre em Linguística (2017) pela mesma instituição (PPGLin). É membro do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo e em Linguística Histórica (CNPQ). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. É pesquisador na área da Linguística, com ênfase em Sociofuncionalismo e Sociofonética.

E-mail: [warley.rocha@ifro.edu.br](mailto:warley.rocha@ifro.edu.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7412-8424>